

HOMENAGEM-MANIFESTO: JUSTIÇA PARA MÖISE



A Revista Motrivivência, por meio desta homenagem póstuma, vem manifestar sua indignação e seu grito de justiça pelo jovem congolês Möise Mugenyi Kakambe, morto brutalmente a pauladas no quiosque ‘Tropicália’, no Posto 8 da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Möise fugiu das guerras civis e da fome do Congo, buscando abrigo no Brasil, na condição de refugiado. Ele acreditava na possibilidade de viver sem violência, com paz e condições de construir uma vida mais digna em nosso país. Entretanto, teve seu sonho covardemente interrompido; teve sua vida ceifada pelos genocidas de plantão, arautos do nazifascismo, tão em evidência no governo Bolsonaro; arautos do ódio de raça e classe, mas também de gênero (misoginia, LGBTQIA+fobia).

Möise foi espancado e torturado até a morte. Já sem vida, o jovem de 24 anos continuou a ser agredido por um grupo de três homens, três genocidas. Ele trabalhava como ajudante de cozinha no quiosque mencionado e foi cobrar do gerente os seus direitos: alguns dias de salário atrasados, que contabilizavam cerca de R\$ 200,00.

Möise só não sabia que, ao invés de seu sonho por dignidade, teria o mesmo destino de crianças, jovens e adultos negros assassinados (Kathelen, Cauã, Cauê e tantos outros e outras) à ‘queima roupa’, indefesos na frente da polícia, ou mesmo atingidos pelas supostas balas perdidas:

“balas perdidas que sempre acham o povo negro”. Ele acreditou que o Brasil viveria uma suposta ‘democracia racial’, mas terminou por protagonizar mais um capítulo da história da escravidão no país, que parece não ter fim.

Diante de tamanha barbárie, o coletivo da Revista Motrivivência se solidariza com a família de Moïse e de todos os migrantes, sobretudo os africanos, com todos os trabalhadores e trabalhadoras negros e negras do Brasil, que são obrigados a viver secularmente nas favelas das grandes cidades, na eterna escravidão dos pelourinhos e dos navios negreiros modernos; com aqueles e aquelas que continuam a viver numa sociedade de escravos, oprimidos pela exploração do trabalho humano, pela negligência e pela exclusão secular.

Nós, que fazemos a Motrivivência, que produzimos e difundimos uma Educação Física crítica, superadora e emancipatória; que promovemos uma cultura corporal e de movimento cujos conteúdos (jogos, danças, gestualidades) são pautados pela estética de matriz africana, pela cultura, pela religião e pela ancestralidade, pelos saberes dos povos africanos e dos povos originários, somos diametralmente contra essa barbárie forjada pelas mentalidades nazifascistas e capitalistas.

Em suma, queremos demonstrar nossa indignação e resistência ativa, solicitando a todos os leitores e leitoras que busquem investigar a gênese dessa praga que é o racismo estrutural, principalmente sem dicotomizar raça de classe social, desigualdades sociais de desigualdades raciais. Com a força das palavras e das práticas sociais e subversivas que nos definem, somamo-nos a todo os movimentos negros, aos movimentos sociais e sindicais, no desejo de unir, no mesmo patamar, as lutas de classe com as práticas e metodologias antirracistas, nos diversos espaços de luta da militância (sala de aula, auditórios, pesquisas, ginásios de esporte, piscinas, pistas de atletismo e campos de futebol). Também nos somamos aos brilhantes e necessários intelectuais negros, tais como Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Silvio Almeida, Florestan Fernandes e outros, a fim de garantir uma luta teórico-prática nas pesquisas antirracistas realizadas nos diversos níveis de ensino.

Portanto, bradamos BASTA ao racismo e ao genocídio do povo negro! Queremos mais que um minuto de silêncio, queremos apuração, punição e medidas que, efetivamente, tirem a população negra desta eterna escravidão em que vive nas entranhas de setores da burguesia branca e opressora. Com essa veemência, ouvimos e acatamos o eco peremptório dos gritos de Ângela Davis: “Liberdade é uma luta constante”.

E isso já nos sussurrava nossa saudosa cantora-militante negra Elza Soares: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. BASTA!

Comissão Editorial - Revista Motrivivência.
Florianópolis, fevereiro de 2022.

(*) A ilustração publicada nessa homenagem-manifesto é uma criação de Thais Trindade – Artivistha, cujos direitos de uso nos foram cedidos generosamente pela artista - a imagem foi publicada anteriormente em matéria no site do PCdoB, disponível em <https://pcdob.org.br/noticias/parlamentares-do-pcdob-cobram-justica-por-moise-kabagambe/>